



**11º Congresso de Pós-Graduação**

**A GENEALOGIA DO CONHECIMENTO EM NIETZSCHE**

**Autor(es)**

---

JUNIOR TAVERNARD  
IVONE TAVERNARD

**Orientador(es)**

---

LUZIA BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

**Resumo Simplificado**

---

Este texto analisa a problemática do conhecimento na filosofia de Nietzsche, partindo da fundamentação conceitual proposta no Fragmento 110, de A Gaia Ciência, onde se discute a genealogia do saber e a noção de verdade no âmbito da teoria do conhecimento. A pesquisa adotou como ponto de partida as seguintes formulações-problema que perpassam o núcleo dessas discussões. O que significa o conhecimento e a verdade no pensamento filosófico de Nietzsche? Quais as críticas que o autor fez aos modelos epistemológicos que dominaram a cena do século XIX? Qual a concepção de “verdade”, em Nietzsche, em oposição ao modelo científico aventado na cultura moderna? De onde emana a origem do conhecimento? Procurar compreender o significado e o alcance dessas questões-problema foi a motivação que conduziu o pesquisador a desenvolver esse trabalho científico. Isso implicou, preliminarmente, reconhecer que não há um projeto acabado e sistemático no que concerne à epistemologia na filosofia de Nietzsche e que a gênese do conhecimento, contrariando toda tradição filosófica moderna e anterior, não está posta na razão, mas nos instintos, na corporeidade, sendo o corpo a Grande Razão, a matriz fundante e primária de todo e qualquer conhecimento. Este texto, portanto, pretende analisar o problema relativo à origem do conhecimento em Nietzsche e a noção da verdade a ela imbricado, tal como posicionado no Aforismo 110, de A Gaia Ciência. Neste fragmento, em particular, o filósofo que trabalha a golpes de martelo desmantela a euforia dos modernos: “O intelecto nada produziu senão erros” (GC, III, 110), sentencia Nietzsche. Erros e não verdades. Essa demonstração da Gaia Ciência nos atinge em cheio. A crença em uma racionalidade infalível, para Nietzsche, não passou de um mero engano na história das ideias, sendo este, portanto, mais um mito perpetrado pela “deusa-razão”. A razão, para Nietzsche, ao contrário da tradição ulterior, não é produtora de sentido. Ela não se reporta a verdades acabadas, tampouco é capaz de instaurar a felicidade, como proclamou a ciência através do Iluminismo, da Revolução Francesa e do Positivismo moderno. Fora justamente a confiança cega nessas crenças, ancorada nesse projeto de racionalidade, que arquitetou uma visão “harmônica de mundo” bem ao modo parmenidiano, segundo o qual a razão teria plenos poderes para reordenar, por meio do logos, o caos epistemológico instaurado no universo humano. Ainda neste fragmento, Nietzsche crítica, no século XIX, uma razão instrumental positivista em vias de declínio, e passa a questionar os pressupostos epistemológicos que fundamentam a ciência moderna. Ao mesmo tempo, coloca sob suspeita toda a tradição do idealismo e racionalismo, a começar pela Grécia Antiga, marco referencial de sua contestação. Por fim, sua crítica subsume a temática da “verdade” e a “gênese do conhecimento”. Fazer o recenseamento genealógico do conhecimento, em Nietzsche, é tarefa fundamental e mais que necessário, porque, parafraseando Trevisan (1995) toda teoria filosófica, no fundo, supõe uma determinada teoria do conhecimento. Assim, não se pode ignorar as raízes gnosiológicas que dão sustentação a uma doutrina filosófica, no caso aqui a nietzschiana, seja qual for o percurso filosófico a nos mostrar.